



3 1761 06553434 9

BRIEF

BJ

0020505



CONGRESSO MAÇ. ' . NACIONAL

Porto, Maio de 1914

I TESE

A Moral Social

RELATOR

J. Cardoso Gonçalves



LISBOA
TIPOGRAFIA BAYARD

106, Rua Arco da Bandeira 108

1914



CONGRESSO MAÇ. . NACIONAL

Porto, Maio de 1914

I TESE

A Moral Social

RELATOR

J. Cardoso Gonçalves



LISBOA
TIPOGRAFIA BAYARD
106, Rua Arco do Bandeira, 108
1914

THESE I

Æ Moral Social

O darwinismo, na segunda metade do século XIX, pareceu vir dar razão á extrema teoria individualista, que limitava a acção do Estado ao papel de puro vigilante da Ordem e mero espectador das lutas economicas. Era — sob um aspéto scientifico — um neo-imperialismo que surgia.

A teoria darwinista convinha perfeitamente á ambição ingleza, que assim via acobertada—sob uma feição scientifica— a sua ambição de paiz, que queria conquistar a hegemonia sobre todos os povos da terra.

¿Mas o darwinismo poderia applicar-se integralmente ao phenomeno social? ¿Sendo a *Sociedade* uma synthese, no *composto* não se encontrariam nela qualidades inexplicaveis pelos antecedentes biologicos e não reductiveis a estes? ¿Seria na verdade a *Sociedade* um organismo, no qual teriam feito as leis da concorrência e da seleção natural?

Estas duvidas appareciam a muitos espiritos servidos — de mais em mais — pelos progressos inconcebiveis da Sciencia.

Ponho de lado a formula hipotética da seleção natural para explicar a transformação das especies, e a preocupação, por demasiado simplista, de applicar ao phenomeno — *Sociedade* — esta teoria: examinando sob outra face os aspétoes mais reconditos do que chamamos — *Natureza* — principalmente os aspétoes que revelam a interdependência de todas as cousas, de todos os seres e de todas as forças naturaes: os flo-

sofos chegaram a outra concção unitarista, que se resume numa eloquente palavra—*Solidariedade*.

«Á luta pela existencia opoz-se a solidariedade dos seres» diz Léon Bourgeois no seu livro excelente—*La Solidarité*.

A *Sciencia* colocou o homem no seu verdadeiro logar. Não é já o *rei da creação*, para o qual todas as cousas foram feitas. Não é já o *pecador*, aquelle para quem um Ente supremo destina o premio ou o castigo nas regiões celestes. E' um ser submetido a relações de dependencia reciproca, que o ligam aos seus semelhantes, á raça a que pertence, ao meio terreste e cósmico.

«Vive—diz Léon Bourgeois—e a sua saude está ameaçada constantemente pelas doenças de outros homens que poderá contrair; trabalha e, pela divisão necessaria do trabalho, os productos da sua actividade aproveitam a outros, como o producto do trabalho dos outros é indispensavel á satisfação das suas necessidades; pensa—e cada um dos seus pensamentos reflecte o pensamento dos seus semelhantes, no cerebro dos quaes vae por sua vez reflectir-se e reproduzir-se; é feliz ou sofre, odia ou ama, e todos os seus sentimentos são os efeitos ou as causas dos sentimentos conformes ou contrarios, que agitam ao mesmo tempo todos esses homens, com quem está em relações de perpetua troca. Assim, em todos os instantes, cada um dos estados do seu *eu* é a resultante de inumeraveis movimentos do mundo que o rodeia, de cada um dos estados da vida universal.

«E não basta considerar o laço da solidariedade, que une o homem ao resto do mundo em todos os momentos da sua existencia. Este laço não reúne sómente todas as partes do que co-existe numa hora dada; reúne igualmente o que era hoje e o que era hontem, o presente e o passado, como reunirá o presente e o futuro. A humanidade—diz-se já e com justeza—é composta mais de mortos do que de vivos; o nosso corpo, os productos do nosso trabalho, a nossa linguagem, os nossos pensamentos, as nossas instituições, as nossas artes, tudo é para nós herança, tesouro lentamente accumulado pelos antepassados. Uma

geração nova chega á vida—e nos movimentos, nas paixões, nas alegrias e dores que a agitam em todos os sentidos, durante as limitadas horas da sua existencia, misturam-se, entrechocam-se ou equilibram-se todas as forças do passado, como nos jogos de luz onde se irisa a quasi imponderavel escuma das vagas —na superficie do mar— se chocam e se quebram as imensas correntes das profundidades, pulsações ultimas da gravitação dos astros.

«Assim os homens estão, entre si, colocados e retidos nos laços de dependencia reciproca, como o estão todos os seres e todos os corpos, sobre todos os pontos do espaço e do tempo. A lei da solidariedade é universal»

Não poderíamos encontrar confirmação mais eloquente do principio que estabelecemos—quando ignoravamos ainda este livro superior—ao delinear a tese proposta ao recente Congresso Internacional do Livre Pensamento—=*A Moral na Escola*.

Diziãmos nesse trabalho:

«Um dos factos que a observação nos leva a descobrir na trama da Historia, é a interdependencia das forças que impulsionam a Humanidade para um progresso indefinido.

«Esta interdependencia, porem, não aparece só no mundo social. Observando mais profundamente vê-se que existe por toda a parte, no mundo organico como no mundo inorganico. Observa-se ainda que a mesma interdependencia não se circunscribe, mas abrange tudo quanto os nossos sentidos podem perceber. E' de acreditar tambem que envolva tudo quanto está, por emquanto, fóra da observação directa»

Essa interdependencia das forças naturaes é—*a Solidariedade*.

Mas é forçoso que a *ideia*—solidariedade se transforme em *sentimento*—solidariedade, para que possamos encontrar no solidarismo a base scientifica duma moral social.

Obrigados a abandonar a velha teoria religioso que punha na sanção extra-terrena o criterio unica

para avaliar a conduta do homem; pondo de lado a extrema preocupação individualista:—pensamos que a base etica deve ser colocada muito alto, acima até da noção de humanidade, no sentido que estamos procurando definir.

Não. Não nos devemos determinar pelo acanhado criterio da existencia dum ou mais juizes supremos, apreciando—em tribunal supremo—a nossa bondade ou maldade; mas pela ideia de que somos apenas um elo da longa cadeia, que nos prende a tudo quanto existe. Evidentemente, ha aí uma harmonia, um equilibrio. Manter esse equilibrio e harmonia será o primeiro dever, o mais alto dever moral.

Aos espiritos medios não bastará a reflexão para atingir esta verdade: necessitarão do concurso da *Arte*.

Não se conclua das nossas palavras que rejeitamos por completo a ideia de que o interesse do individuo deve ser afastado e considerado como *amoral*.

Como unidade social o individuo tem o dever de aperfeiçoar-se, de ser *egoista*. Mas o *egoismo* que defendemos, na opinião d'um pensador, . . . «é já *altruismo*, a consciencia individual envolvendo as gerações anteriores, os seus educadores, os seus contemporaneos. Por outro lado, o *altruismo*, como subordinação do individuo aos interesses da colectividade, é o egoismo no ser colectivo. Na consciencia do *eu* entra já a ideia de *outrem*: *outrem* é parte integrante do *eu*. Esta verdade não é geralmente visivel, porque se confunde o individuo organico, factor da socialidade com o *individuo social* produto da *Sociedade*. Ha pois identidade entre egoismo e altruismo, como entre o quente e o frio, a luz e as trevas, o solido e o fluido, binarios em que a sciencia infantil viu antinomias tão tragicas, como o é para os moralistas a do bem e do mal, e que uma sciencia mais bem informada considera como gráus apenas da mesma energia fisica . . . »

O primeiro dever é, portanto, aperfeiçoarmo-nos, desenvolvermo-nos.

O que dizemos do individuo, dizemos da nação.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

